

Filosofia na Escola: algo mais do que um projeto

Walter Omar Kohan*

*F*ilosofia na Escola” está na sua primeira fase de desenvolvimento. Iniciativa conjunta dos Departamentos de Filosofia e Teoria e Fundamentos da UnB, este projeto contínuo do Decanato de Extensão visa criar espaços para promover a prática filosófica com crianças nos níveis do ensino infantil e fundamental em escolas da rede pública do Distrito Federal.

A atividade de extensão universitária aparece aqui no seu sentido próprio, na medida em que coloca a pesquisa acadêmica na sociedade, através do ensino e aprendizagem diretamente ligados ao local de trabalho - aqui, no caso, a escola pública - visando contribuir para o aprimoramento do pensar dos professores e das crianças. Num mundo onde as pressões sociais dominantes sobre a escola pública vão em torno de sua “tecnologização” e “atualização”, estamos propondo uma alternativa baseada na prática da filosofia, entendida como o desenvolvimento de um pensar coletivo questionador das crenças, idéias e valores pressupostos nos saberes e práticas socialmente dominantes. E isto deve gerar focos de problemas que, por sua vez, serão investigados na pesquisa do projeto.

Um pouco de história

Existe uma iniciativa abrangente e consistente desenvolvendo a filosofia nos níveis de ensino infantil e fundamental denominada *Filosofia para Crianças*. Esse programa foi criado pelo filósofo norte-americano Matthew Lipman no final dos anos 60 e vem sendo desenvolvido em mais de trinta países no mundo, incluindo o Brasil, onde há mais de dez anos são realizadas experiências nessa área.

Em 1985, Catherine Young Silva fez seu mestrado em Filosofia para Crianças, na Montclair State University, em New Jersey, EUA, e, de volta ao

* Walter Omar Kohan é Doutor em Filosofia *summa cum laude* pela Universidade Iberoamericana (México, DF) e Professor do Departamento Teoria e Fundamentos da UnB.

Brasil, fundou o *Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças*, em São Paulo. Pessoalmente, cuidou de traduzir os materiais e começou a divulgar a proposta de Lipman.

O trabalho foi conquistando professores e escolas, e existem hoje, no Brasil, diversos centros regionais que divulgam e promovem a implantação desse programa. Além de São Paulo, Estados como Minas Gerais, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso, Roraima, Maranhão, Bahia, Espírito Santo e o Distrito Federal são pólos de trabalho com *Filosofia para Crianças*. Sendo a prática desenvolvida majoritariamente na rede de ensino particular, existe, entretanto, um trabalho significativo e sistemático na rede pública, na Zona Leste de São Paulo e em Cuiabá (Mato Grosso).

Gradualmente, as universidades brasileiras também se interessaram pela idéia da filosofia aplicada à educação básica. A PUC de São Paulo já está com a segunda turma da Especialização *Latu Senso* em Educação para o Pensar, baseada nos fundamentos psicopedagógicos e filosóficos desta proposta, e na UFMT, em Mato Grosso, no seu mestrado em Educação Pública, existe uma linha de pesquisa sobre Filosofia na Educação, também voltada para esse programa. Aqui em Brasília, alunos do Departamento de Filosofia da UnB e da UCB já realizaram trabalhos monográficos sobre a proposta de Matthew Lipman, e o Mestrado em Educação da FE da UnB já conta com uma tese sobre o programa *Filosofia para Crianças* (cf. LEAL, B., "A quem compete filosofar? Uma experiência de pesquisa", neste mesmo volume).

Com relação ao trabalho que é desenvolvido em Brasília, este projeto apresenta algumas diferenças significativas, tanto no nível das instituições envolvidas, quanto no nível da própria concepção da filosofia e dos métodos e estratégias propostas para sua prática com crianças.

Como em Brasília o trabalho nas escolas vem acontecendo basicamente na rede particular desde 1992, o projeto "Filosofia na Escola" procura criar as condições para que a filosofia chegue regular e sistematicamente à escola pública. Trata-se, basicamente, de formar professores da rede pública na especificidade da dimensão filosófica da experiência educativa, algo que, infelizmente, não é muito estimulado nas instituições que formam os professores. O projeto tem um caráter de experiência piloto, partindo de um conjunto inicialmente pequeno de escolas e professores para ampliar-se à medida que o próprio projeto vai formando os recursos humanos necessários para isso.

Antecedentes do Projeto

Para informar da proposta e sensibilizar as comunidades universitária e escolar a participar do projeto, desenvolveram-se na UnB uma série de atividades de divulgação do tema, entre as quais destacamos:

- 9 e 10 de julho de 1996 - *Minicurso de extensão (16 horas)*. "Filosofia para Crianças: um programa filosófico-educacional". Com os professores Ann M. Sharp (co-autora do programa *Filosofia para Crianças*, pesquisadora e professora do IAPC, Montclair State University, New Jersey), Walter O. Kohan (Departamento de Filosofia, Universidade de Buenos Aires), Nelson Gomes, Julio Cabrera e Agnaldo Couco Portugal (Departamento de Filosofia, Universidade de Brasília), alunos e ex-alunos da UnB com trabalhos práticos e acadêmicos na área e professores das escolas pública e privada do DF. Mais de 100 participantes.
- 3 à 6 de junho de 1997 - *Oficinas, palestra e vídeos sobre o programa de Filosofia para Crianças na Semana Universitária da UnB*. Atividades promovidas conjuntamente pelos Departamentos de Filosofia e Teoria e Fundamentos da Educação. Com os professores Ana Miriam Wuensch, Carlos Loddo, Louise Brandes (Departamento de Filosofia, UnB) e Walter Omar Kohan (Departamento Teoria e Fundamentos, UnB). Mais de 200 participantes.
- 29 de julho de 1997 - *Jornada "A filosofia na educação das crianças", Palestra e oficinas com a professora Ann M. Sharp*, na Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação (UnB). Mais de 120 participantes, entre alunos da UnB e professores das redes pública e privada de ensino.
- 29 de setembro de 1997 - *Encontro "A formação de professores numa educação para o pensar". Palestra e debate com o professor doutor Peter Büttner*, da UFMT, para professores e alunos da UnB e FEDF. Mais de 70 participantes.
- Junho à Setembro de 1997 - Série de 6 reuniões com funcionários da FEDF para a discussão do anteprojeto "Filosofia na Escola".
- Setembro à Novembro de 1997 - Série de 10 oficinas de divulgação do Projeto "Filosofia na Escola" para professores da FEDF, divisões Ensino Fundamental e Magistério. Mais de 200 participantes.
- 11 de Dezembro de 1997 - O projeto é formalmente aprovado pela Câmara de Extensão da UnB.

Estratégias e métodos de trabalho. Recursos humanos do Projeto

Por razões pedagógicas, os próprios professores regentes são os mais indicados para o trabalho filosófico com as crianças. Partindo de sua sensibilidade para as dimensões filosóficas da realidade física, social e intelectual das crianças, e de sua disposição para identificar os aspectos

problemáticos dessa mesma realidade, procuramos fortalecer neles as disposições e atitudes mais próprias da filosofia, assim como propiciar a metodologia que lhes permita ajudar seus alunos a percorrer esse mesmo caminho de disposições, atitudes e métodos filosofantes.

Depois das oficinas de divulgação da proposta em novembro de 1997, em torno de 140 professores de mais de 30 escolas do DF estavam interessados em participar do projeto. Mas, no começo, o projeto só pode atingir até um máximo de 4 (quatro) escolas, em razão da disponibilidade limitada de monitores e outros recursos humanos e materiais. Nessas condições, o primeiro passo foi a seleção das escolas participantes. Para isso foram discutidos e aplicados junto com a FEDF critérios como a) o número dos professores interessados em cada escola e as justificativas oferecidas pelos professores para participar do projeto; b) a disponibilidade da escola para liberar os professores para atividades do projeto; c) o local geográfico (buscando escolas de locais geograficamente diferenciados dentro do DF); d) o nível sócio-econômico de referência (procurando atingir crianças de diversos níveis econômicos e sociais). Finalmente, as escolas que participam da primeira etapa do projeto são:

- CAIC Anísio Teixeira (Ceilândia).
- Centro de Ensino AgroUrbano, (Núcleo Bandeirantes)
- Escola Classe 03 (Gama)
- Escola Classe 304 Norte (Asa Norte, Brasília)

Foram convidadas 5 pessoas por escola (delas, entre 3 e 4 regentes), totalizando 18 professores, orientadores pedagógicos e diretores que completaram o primeiro curso intensivo de formação de 30 horas junto com os seguintes monitores: Antônio Rezende, Erasmo Baltazar Valadão, Mariliz Tranquilini Nery, Vicente de Paula Lima de Sousa (FEDF) e Aparecida Ivonery Rodrigues, Leonardo Loiola, Luciana de Faria Leite M. Vieira e Marília Oliveira (UnB). O grupo coordenador está formado por: Adriana Mabel Fresquet (psicopedagoga, voluntária), Bernardina Maria de Sousa Leal (professora colaboradora, externa), Ana Míriam Wuensch (professora coordenadora), Marcos de Camargo von Zuben (professor colaborador, voluntário) e Walter Omar Kohan (professor coordenador).

Depois do curso inicial (cf. neste mesmo volume o trabalho “O primeiro passo para filosofar na escola” de Marcos von Zuben - Mariliz Tranquilini) foram realizadas reuniões diferenciadas em cada escola para esboçar o plano de trabalho em cada uma delas. Os monitores estão trabalhando em quatro duplas, sendo cada dupla “responsável” direta no acompanhamento do trabalho em uma escola. O projeto prevê não só o acompanhamento dos monitores, mas um suporte permanente da equipe coordenadora, para o qual

foi criado um endereço eletrônico (filoesco@unb.br). Ao mesmo tempo, para difundir as atividades do projeto dentro e fora de Brasil e conectá-lo com outros grupos que trabalham em filosofia com crianças foi criada uma página na Internet (<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco>). No futuro se prevê a realização de encontros (virtuais e reais) de crianças e professores.

O projeto marca uma diferença dentro da própria área de *Filosofia para Crianças* na medida em que não só procura a implementação de um programa já pronto (como o programa Lipman, com novelas para crianças e manuais para professores), mas a pesquisa em torno da própria textualidade ao praticar a filosofia com crianças, e os próprios métodos de trabalho, assim como os instrumentos de registro e avaliação da experiência. Numa das escolas se trabalhará sistematicamente com o programa Lipman; nas outras se trabalhará com uma textualidade específica a partir dos planejamentos temáticos das escolas, suas necessidades e possibilidades. Neste trabalho coletivo, a realidade de cada escola e das crianças é nosso ponto de referência mais importante.

Importa-nos recriar uma idéia, aquela de situar a prática filosófica numa educação que procura desenvolver um pensar crítico, criativo e atencioso nas crianças. O programa *Filosofia para Crianças* criado por Matthew Lipman será para nós um referencial teórico e prático de indiscutível valor, como a primeira e até agora única experiência íntegra e sistemática que reuniu a filosofia com as crianças. Porém, mal poderíamos estar falando de um projeto de filosofia que não partisse de sua realidade específica e pensasse, a partir dela, seus “como”, “por que” e “para que”. A dimensão filosófica do projeto comporta um caminho de pesquisa sobre as possibilidades disposicionais, textuais e metodológicas da filosofia em seu encontro com as crianças.

Desde a conformação da equipe nas reuniões de trabalho, e durante o próprio curso de formação inicial com professores, algumas questões de fundo formuladas no grupo são indicadores do potencial de pesquisa (teórico-prático) do projeto. São exemplos destes questionamentos as seguintes perguntas :

- Que concepção de criança e infância está na base deste projeto e da prática filosófica com crianças?
- Que concepção de filosofia está na base deste projeto e da prática filosófica com crianças?
- Como o projeto dimensiona a relação entre conteúdos e habilidades filosóficas?
- Que estudos filosóficos deve fazer o professor que trabalha com a filosofia com crianças em sala de aula?

- Que relações entre a filosofia e a educação podem ser exploradas através deste projeto?
- Que materiais podem ser utilizados para o trabalho filosófico com crianças e que critérios podem nos orientar para criar ou selecionar esses materiais?
- Quais são os pressupostos e os procedimentos fundamentais de uma metodologia filosófica na educação das crianças?
- Qual é o papel dos monitores, sua contribuição e sua formação, para realizar um trabalho de suporte junto aos professores na sua prática filosófica com crianças?
- Quais são os momentos fundamentais da integração deste trabalho filosófico no cotidiano escolar?
- Como avaliar o trabalho realizado? Que níveis ou itens devem ser considerados? Que instrumentos são adequados para esta tarefa?

Propósitos e Fundamentação

Ainda pode parecer estranho um projeto que visa praticar a filosofia com crianças a partir de quatro anos. Mas não é bem assim. A filosofia alimenta-se de sentimentos profundos que são gerados por nosso estar-no-mundo: assombro, espanto, insatisfação. Esses sentimentos, vivos e fortes em nossos primeiros anos sofrem o embate de diversos dispositivos sociais que procuram “naturalizar” nossa vida em sociedade. Assim, nos tornamos seres cada vez menos surpreendidos pelos acontecimentos do mundo, que apreciamos cada vez mais naturalmente. Cada vez nos assombremos menos com os acontecimentos políticos e as descobertas científicas e tecnológicas. Cada vez nos incomodamos menos com as arbitrariedades e injustiças de nossas sociedades. “Sempre tem sido assim”, afirma-se tentando justificar como um fenômeno natural aquilo que é próprio de um universo humano e, portanto, produto de uma complexa trama histórica e social.

A filosofia resiste a essa naturalização do universo humano. Opõe-lhe a idéia de que dimensão alguma de nosso mundo deve ser aceita como inevitável ou inexorável. Para a filosofia, não existem no âmbito da vida humana fenômenos puramente naturais. O mundo humano é um mundo do não determinado, do contingente, do que sempre pode ser de outra maneira. O questionamento filosófico procura pensar essa contingência, em seus fundamentos, suas conseqüências e nas condições de potencializar outras contingências alternativas às existentes.

Por esta, entre outras razões, a filosofia está em sintonia com as crianças. Porque elas também não gostam muito de que o mundo seja apresentado como algo imutável. Porque elas também gostam de pensar e explorar por que o mundo é aquilo que é e que outros mundos poderíamos construir. Em suma, porque elas também gostam de perguntar e investigar os “porquês” de nossas contingências.

Quando as crianças são menores, mostram com espontaneidade sua surpresa pelos acontecimentos do mundo. Junto à filosofia as crianças podem cultivar todos esses sentimentos e desenvolver uma relação mais livre e ao mesmo tempo mais complexa com seu mundo. A filosofia pode ajudar as crianças a manter vivo esse espasmo inicial; sua curiosidade originária pode subsidiá-las a pensar por que o mundo tem a forma que vemos hoje, quais são as conseqüências desse “estado das coisas”, em que valores se apoia, quais outras opções temos.

A filosofia também pode ajudar as crianças a enfrentar uma série de desafios e pressões sociais para as quais atualmente não são preparadas nas escolas. Por exemplo, elas são envolvidas numa série de práticas que pressupõem um universo de valores - como a competição, o êxito, a moda - mas não lhes ensinamos que tipo de conseqüências têm esses valores, ou quais são os pressupostos de um mundo que os deifica, ou que conexões poderiam estabelecer-se entre esses valores e o sistema econômico dominante entre nós, ou que outras alternativas existem àquelas que vivemos. Mas não é só isso. Nossa sociedade também é contraditória frente a alguns valores. Ensina às crianças que devem dizer e amar a verdade e, ao mesmo tempo, mente uma e outra vez e não lhes ajuda a refletir sobre o que é a verdade e por que dizê-la é importante. O mesmo poderia dizer-se de outros valores igualmente significativos, não refletidos e problematizados com as crianças. As crianças precisam pensar sobre o valor da coerência e sobre as conseqüências da inconsistência, e sobre todo um universo de categorias e hábitos de raciocínio que fazem parte do pensar humano.

Em suma, a filosofia, como atividade ligada ao cotidiano das pessoas, oferece às crianças uma possibilidade imensa de constituir um recurso adequado para que elas tornem-se pessoas com um pensar mais complexo, no sentido de serem mais críticas e criativas, mais preparadas para refletir os fundamentos e as questões significativas do seu universo. Ao mesmo tempo, pode ajudá-las a desenvolver disposições afetivas e intelectuais que as auxiliem a percorrer um caminho metódico e problematizador de sua realidade social.

Isto é especialmente significativo para as crianças à margem do sistema social dominante. Por isso é objetivo primeiro do projeto “Filosofia na Escola” que a filosofia venha a fazer parte da realidade de escolas públicas do Distrito Federal, porque com elas torna-se imperativo o compromisso social e pedagógico da prática filosófica.

Certamente, essa prática filosófica alimenta-se de valores e princípios como:

- a *pergunta* como modo de abrir, problematizar e construir saberes;
- a *investigação criativa* como modo de pensar nossa realidade individual e social;
- o *debate* participativo, aberto e fundamentado como prática de conhecimento;
- a *democracia* como forma de respeitar e valorizar nossas diferenças.
- o *trabalho* solidário e colaborativo como modo de agir em educação;
- a *resistência crítica* frente a toda forma de imposição.

As dimensões e práticas da investigação filosófica coletiva

Outra maneira de apresentar nosso projeto é dizendo que pretendemos que as aulas da escola tornem-se ambientes propícios para a investigação filosófica coletiva. Essa investigação estimula uma série de práticas atitudinais, intelectuais e sociais e tem pelo menos cinco dimensões:

a. Dimensão ético-política

Em vez da transmissão de valores e princípios, procura-se uma investigação que ponha em questão e problematize os valores existentes. Oferecem-se às crianças os recursos e o ambiente propício para levar adiante essa investigação.

O espaço em sala de aula privilegia relações não autoritárias, solidárias e respeitadas das diferenças entre as pessoas. Procura-se uma investigação cooperativa e interativa. Nela, a diferença de pontos de vista é valorizada, sempre que apoiada na consideração cuidadosa dos fundamentos da mesma.

b. Dimensão Social

A pessoa é um ser social que se constitui a partir das relações que estabelece com outras pessoas e sua rede de relações interpessoais. Neste sentido, procura-se privilegiar relações onde as crianças se ouçam entre elas com atenção, sejam abertas a considerar seriamente outras posturas no seu próprio pensamento, sejam empáticas com as outras pessoas, estejam preocupadas com o coletivo, cuidando do crescimento dos outros membros do grupo, não bloqueiem a investigação quando ela não segue a direção que elas

pretenderiam, percebam o valor do debate e troca de idéias na investigação. O grupo funciona como uma referência para que cada um veja sua contribuição em perspectiva. E cada um, na sua diferença pessoal, enriquece o grupo. Procura-se, também, que o grupo funcione como um espaço de valorização dessa diferença de cada um dos seus componentes.

c. Dimensão pedagógica

O processo de ensino-aprendizagem é construtivo e transformador. O professor auxilia os alunos na busca problematizadora, não é um transmissor de conhecimentos. É um co-investigador à procura de explorar a dimensão filosófica de nosso estar-no-mundo. Nessa investigação o importante é examinar os fundamentos das questões, sejam elas apresentadas pelas crianças ou pelo professor.

A relação pedagógica nesse processo de investigação coletivo desloca o eixo de atenção do professor para o grupo, e o professor é responsável por incentivar o debate reflexivo entre os alunos. Suas intervenções têm um sentido claro : contribuir para o avanço da investigação e a organização do trabalho solidário em sala de aula. Não se espera que o professor dê respostas para os problemas que são investigados pelo grupo.

d. Dimensão cognitivo-filosófica

Este trabalho busca desenvolver uma série de práticas intelectuais como: fazer perguntas filosóficas, problematizar afirmações conclusivas, detectar, justificar e avaliar pressupostos, ser sensível ao contexto, criar e explorar alternativas, auto-corriger-se, antecipar e explorar conseqüências, traçar inferências, pensar através de regras e princípios lógicos (por exemplo: identidade, não-contradição, terceiro excluído, etc.), formar e contrastar hipóteses, dar e pedir exemplos e contra-exemplos, definir, aplicar e avaliar critérios, estabelecer relações de sentido e significação, fazer distinções e semelhanças criteriosas, universalizar, detectar imprecisões, ambigüidades e falácias, estabelecer analogias, construir uma perspectiva própria frente a conceitos como verdade, liberdade, justiça, realidade, pessoa.

e. Dimensão atitudinal-filosófica

Ao longo desta prática, procura-se exercitar e propiciar uma série de atitudes ou disposições propícias para a investigação filosófica: inquietude que não aceite como óbvias ou evidentes as coisas e procure problematizá-las, curiosidade epistemológica que sempre nos leve a querer saber um pouco mais, coragem para seguir com determinação o caminho da investigação e do

questionamento, rigor intelectual na consideração das questões, abertura para apreciar outras perspectivas que a própria, perseverança para des-construir e re-construir conceitos e idéias fundamentais que organizam e orientam nossa realidade, imaginação para pensar pontos de vista alternativos, resistência frente a todas as formas de imposição.

Considerações finais

Neste breve texto temos apresentado os pontos de destaque do Projeto “Filosofia na Escola”, sua história, suas estratégias e métodos de trabalho. Também buscamos oferecer as linhas diretrizes de sua fundamentação e das suas principais propostas e objetivos. Certamente, muitas das questões aqui colocadas foram somente apresentadas e precisam de uma fundamentação que não é possível desenvolver aqui em sua devida extensão, dados os limites deste ensaio. Trata-se de questões significativas que chamam ao debate, dentro e fora deste espaço de trabalho. Justamente disso trata “Filosofia na Escola”. Não temos a pretensão de colocar idéias prontas e acabadas mas de indicar uma direção para a construção coletiva que se apóia, acima de tudo, na indagação filosófica. Como tal, é aberta, questionadora, problematizadora. Talvez, justamente por isso “Filosofia na Escola” é um *projeto*, porque convida crianças, professores, psicólogos, pedagogos e filósofos a participar da construção coletiva de uma prática onde problematizar é mais importante do que ter problemas resolvidos.

Projeto “Filosofia na Escola”

Home-Page: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco>
E-mail: fibesco@guarany.unb.br